

# A subjetividade como campo de pesquisa

## *The subjectivity as research field*

**Rogério Robbe Quintella**

Falar de subjetividade implica que lancemos um olhar crítico sobre o campo da pesquisa em psicologia e outras áreas a ela afins. Este caminho nos possibilita um novo recorte epistêmico, muito próprio do pensamento ocidental desenvolvido no século XX, com respeito às indagações humanas em torno da subjetividade. Trata-se então de fazer valer a reflexão teórica, crítica e metodológica em torno da experiência da subjetividade, mas não de fora dela, como se pudéssemos ainda hoje empreender o famigerado positivismo que, no século XXI, perde cada vez mais seu lugar na sustentação da suposta neutralidade científica e da pureza do sujeito na relação com o objeto do conhecimento. Não é neste caminho, extrínseco ao oceano da experiência subjetiva humana, que a perquirição acerca da subjetividade se empreende hoje, guardadas as especificidades de cada abordagem que aqui se apresentam. Tal perquirição é realizada de dentro da lógica mesma em que a subjetividade *cria o humano*, possibilitando-se a emergência de discursos e abordagens que, não obstante diversas do ponto de vista teórico-prático ou mesmo político, possibilitam a discussão rigorosa sobre a subjetividade humana, sem os estigmas e preconceitos da suposta neutralidade científica.

Neste número, poderemos reconhecer este processo, sob os diferentes fundamentos teóricos no campo da subjetividade que aqui se inscrevem. O primeiro deles aborda o próprio conceito de subjetividade doravante o pensamento de Vigotski, criticando-se a concepção de sujeito a-histórico que produz, segundo os autores, exclusão social. Luiza Oliveira e Valmir Sbano abordam uma ressignificação epistemológica da obra de Vigotski para pensar a prática do psicólogo na instituição escolar.

A questão da subjetividade é tratada no artigo seguinte, de Patrícia Daré e Sandra Caponi, mediante a análise das tendências medicalizantes e desmedicalizantes das formas de cuidado a indivíduos com diagnóstico de depressão. Trata-se de um resultado de pesquisa que demonstra a permanência atual do processo da medicalização sob práticas prioritariamente baseadas no modelo médico hegemônico. O artigo é uma importante ferramenta para pensarmos a atualidade dos processos de medicalização do sofrimento psíquico.

Avançamos com o texto *Entre imagem e escrita: a tatuagem como artefato à subjetividade*, de Indianara Ferreira e Gabriela Dupin. Ali as autoras investigam a subjetividade envolvida no ato de tatuar sob o ponto de vista da psicanálise, questionando sobre a função da tatuagem para além da dimensão estética. Um belo trabalho sobre subjetividade que contribui para o campo da pesquisa psicanalítica hoje.

### **Rogério Robbe Quintella**

Professor Adjunto do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Doutor em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Editor-executivo da Revista ECOS – Estudos Contemporâneos da Subjetividade.

[rrquintella@hotmail.com](mailto:rrquintella@hotmail.com)

Também na linha de pensamento psicanalítico, Ana Ribeiro e Cristina Marcos abordam o denominado sujeito pós-moderno analisando o papel do psicofármaco na subjetividade contemporânea. Ali se defende que o psicofármaco vem no lugar de uma suspensão da divisão do sujeito.

Heliane Leitão nos apresenta uma rica abordagem sobre o pensamento de Winnicott, a respeito da noção de self por ele abordada, visando aprofundar uma concepção relacional da subjetividade, afastando-se do modelo pulsional e enfatizando o espaço interpessoal. A centralidade do outro na constituição subjetiva é enfatizada pela autora como viés fundamental winnicottiano para se conceber a constituição da subjetividade segundo o pensador.

Maycon Torres e Paulo Vidal adentram as questões relacionadas ao uso de drogas, mapeando este campo a partir da visada psicanalítica, especificamente a psicanálise de orientação lacaniana. Vale a pena visitar a exposição dos autores sobre o assunto para o enriquecimento crítico sobre a questão do uso de drogas hoje, bem como sua abordagem e tratamento, dados os reveses que a sociedade brasileira enfrenta hoje neste campo.

O tema da Saúde Pública e da Atenção Psicossocial é tratado de maneira profunda no artigo seguinte, de Daniela Bursztyn e Pedro Gabriel Delgado. Os autores abordam a relevância da estratégia canadense para a atualização dos impasses e desafios na produção do conhecimento no âmbito do SUS valorizando iniciativas colaborativas, como uma direção para a construção de uma política de pesquisa na atenção psicossocial. Com efeito, pesquisa e prática ali se relacionam intrinsecamente. Um excelente texto sobre a Saúde Mental hoje.

No avanço, Márcia Garcez e Ruth Cohen defendem a tese do *nó-remendo* no tratamento da psicose, a partir da teoria de Lacan sobre o nó borromeano. Para as autoras "A intervenção do psicanalista em determinadas situações de desencadeamento psicótico, ou diante de sua proximidade, pode ser considerada como uma espécie de nó-remendo, distinto do *sinthoma*." Vale a pena conferir esta importante contribuição.

Nosso número é consagrado pelo texto de Alexandre Espósito e José Justo que abordam a investigação científica direcionada para as questões da mobilidade urbana, a partir do método etnográfico e da chamada "técnica da deriva" para tratar da subjetividade urbana relacionada às chamadas "pessoas em situação de rua".

Sobre um campo temático tangencial, o artigo seguinte *População em situação de rua e trabalho: relato de experiência* de Aline Alflen Schmitt e Lucas Schweitzer discorre sobre a questão da vulnerabilidade, exclusão social, violação de direitos e no pressuposto de centralidade sociológica e psicológica do trabalho a partir da experiência em um projeto realizado na Grande Florianópolis.

Michel Foucault é o centro das questões que envolvem o último artigo deste número, em que Flavia Lemos e Igos Santos discutem a teoria da história doravante a arqueologia e a genealogia como "ferramentas efetivas enquanto operadores conceituais em Michel Foucault". Vale perceber que a subjetividade não fica de fora quando se aborda este grande pensador e sua metodologia de investigação e reflexão filosófica e epistemológica.

A Revista Ecos foi também contemplada com a entrevista a François Richard, realizada por Renata Mello e Regina Herzog. Ali as duas psicanalistas trazem o pensamento de Richard sobre o mal-estar contemporâneo e as saídas subjetivas evidenciadas hoje na clínica psicanalítica. Trata-se de uma excelente apresentação sobre o pensamento deste pensador francês, que contribui para as pesquisas atuais em psicanálise.

Encerramos o número com a excelente Resenha de Rebeca Espinosa sobre o pensamento de Alain Badiou. A graduanda do curso de Psicologia da

UFF-Campos dos Goytacazes evidencia de maneira muito própria a riqueza do pensamento deste autor, o qual aborda São Paulo de uma maneira nunca antes vista para fundamentar sua concepção de *Acontecimento* e *Verdade*. Vale a pena ler esta Resenha, ela é um convite ao pensamento de Alain Badiou.

Agradecemos o acesso dos leitores e estudiosos no tema da subjetividade, bem como os autores que enriquecem nosso campo com pesquisas efetivas sobre este tema.

Boa leitura!  
Rogerio Quintella